

JOSÉ MIGUEL SILVA

ÚLTIMOS POEMAS

AVERNO | 2017

LAMENTO E EXORTAÇÃO

Que chegámos demasiado tarde ao coreto
da vida para sonhos e cantigas de libertação
revulsionária, percebemo-lo aos vinte anos;
que justiça é uma jura redigida em esperanto
e a lei o duro eixo onde circula o privilégio,
percebemo-lo depois, muito a contragosto.

Resta-nos perder a última ilusão: a de que haja
ainda espaço nesta feira popular da mediocracia
para uma escrita que não seja celebração
do estridente carrossel publicitário,
dos económicos carrinhos de choque,
da barraca de tiro em que fazemos de patos.

Quando percebermos também isto, saberemos
que a Gloriosa Era da Literatura Ocidental
chegou ao fim, derretida (como sugere
o seu acrónimo) pelo aquecimento da sandice
global, que não viemos aqui para tentar
reanimar o moribundo, mas alegrar um velório.

— | | —

Está na rua o funeral. Ninguém nos paga
para isto, verdade, mas o morto merece.
Se queremos brilhar ainda um pouco, é agora
ou nunca. Afinemos as cordas, as lágrimas,
em dó suspenso. Vamos tentar dar o nosso melhor.

PARTE POÉTICA

Não é fácil ser poeta a tempo inteiro.
Eu, por exemplo, nem cinco minutos
por dia, pois levanto-me tarde e primeiro
há que lavar os dentes, suportar os incisivos
à face do espelho, pentear a cabeça e depois,
a poeira que caminha, o massacre dos culpados,
assistir de olhos frios à refrega dos centauros.

E chegar à noite a casa para a prosa do jantar,
o estrondo das notícias, a louça por lavar.
Concluindo, só pelas duas da manhã
começo a despir o fato de macaco, a deixar
as imagens correr, simulacro do desastre.
Mas entretanto já é hora de dormir.
Mais um dia de estrume para roseira nenhuma.

JEAN PAUL SARTRE — OS DADOS ESTÃO
LANÇADOS

para o meu irmão João

Todos temos um primeiro livro, uma súbita roldana, fornecida por acasos que desmentem a balela do destino. Nada estava escrito, nessa noite de Dezembro, quando o Jaime me cedeu, por entre brados de cassetes, o rastilho dum rizoma movediço, que depressa levaria a um sorteio de paixões encadeadas, de Pessoa a Franz Kafka, *Zaratustra*, Baudelaire e mais além, o largo mundo do enleio literário.

Asinha me fiz sócio, claro está, da biblioteca e fez-se curta de repente a semanada, detestável a conversa dos amigos que não liam, pavorosa a centopeia do dever. Dum momento para o outro, estava só e mais calado, mais inculto do que nunca. Cada noite adiantava dez minutos o relógio da insónia, e de manhã tinha um poema formidável para o cesto dos papéis. Para mim, foi assim que começou. Mais adiante explicarei como acabou.